

Adolescência: um jeito de fazer

"Aqui a gente pode falar sem vergonha de expor as nossas opiniões".

*"Eu gostei muito do teatro e da experiência e o tema que fizemos que foi sobre gravidez na adolescência".
(participante do curso Transas Adolescentes)*

Desafios históricos

A palavra 'adolescência' tem sua origem etimológica no Latim "ad" ('para') + "olescere" ('crescer'); portanto 'adolescência' significaria, strictu sensu, 'crescer para'. Pensar na etimologia desta palavra nos remete à idéia de desenvolvimento, de preparação para o que está por vir, algo já estabelecido mais à frente; preparação esta para que a pessoa se enquadre neste "à frente" que está colocado (Pereira & Pinto, 2003). É como se a adolescência fosse uma "fase" que tem que ser transposta para alcançar aquilo que é ideal. Há algum tempo que a adolescência tem sido vista como "o problema", um momento de crise (Rena, 2001; Brandão, 2003). A sociedade ocidental vem reproduzindo esta idéia, limitando a compreensão da adolescência, como se esta se resumisse à puberdade, acreditando que somente as mudanças fisiológicas "comandam" este momento da adolescência, normatizando e "naturalizando" os possíveis conflitos através da idéia de que estes estão atrelados a uma passagem de hormônios, menosprezando o sujeito de desejo que confronta seu lugar no mundo, através de discursos minimalizadores do tipo "todo adolescente é assim". Como foram construídos estes discursos? Quais concepções foram e estão

RESUMO

O presente trabalho discute, a partir da realidade das/os adolescentes, uma metodologia que possa se aproximar deste público com o objetivo de criar um espaço plural de construção conjunta para o cuidado de si e do outro. Esta discussão será baseada na experiência do Grupo Transas do Corpo que, através do Projeto Transas Adolescentes em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, desenvolve atividades de intervenção utilizando metodologia feminista, e o Teatro do Oprimido, com adolescentes de Escolas Municipais da Região Sul de Goiânia. Esta atuação busca meios que possibilitem o empoderamento como forma de enfrentar os desafios relacionados à saúde, sexualidade e relações de gênero.

Palavras-chave: adolescência; metodologia feminista; sexualidade.

sendo feitas sobre as/os adolescentes? É possível pensar novos discursos a serem construídos junto com as/os adolescentes? São questões a serem discutidas neste trabalho como desafio de experimentar uma metodologia que se aproxime da realidade deste público.

Olhando a realidade

Observando a realidade atual podemos verificar o quanto o público adolescente e jovem tem aumentado e tem carecido de maior atenção, no que diz respeito às políticas públicas, não se pode ficar indiferente a esta necessidade, visto que mais de 85% dos/as jovens do mundo vivem hoje nos países em desenvolvimento, e o Brasil, sozinho, é responsável por cerca de 50% dos/as adolescentes e jovens da América Latina. Em Goiânia, segundo dados de 1997, existem cerca de 221.000 adolescentes e jovens na faixa de 15 a 24 anos, o que representa 22,1% da população da cidade. Em uma pesquisa realizada em Goiânia, para saber quais os problemas que mais influenciam na sua vida, os três mais votados foram desemprego (30,9%), violência (12,8%) e saúde (11,5%). Os dados confirmam que, mesmo sendo assegurados como direitos, a segurança e saúde ainda

são colocadas como questões a serem atendidas na vida deste público. (Queiroz, Chaves & Mariano, 2001).

Segundo o IBGE, em relação ao HIV/Aids, de 1980 até 2002, dos 258 mil casos detectados, 5.597 são adolescentes de 13 a 19 anos de idade, destes 63% são meninas, ou seja, entre adolescentes, as meninas são as mais contaminadas. Sobre a violência, cerca de 70% dos óbitos de jovens na faixa de 15 a 24 anos de idade são por causas externas. Entre 1996 e 2002 foram registrados mais de seis mil casos de violência sexuais contra crianças e adolescentes, sendo 73% praticados contra meninas. Estes números podem ser indicadores da importância de discutirmos políticas que tenham enfoque de gênero buscando enfatizar as relações de poder, hierarquia e os papéis sociais do ser homem e ser mulher. Sobre a maternidade: de 1980 a 2000, aumentou em 15% o índice de gravidez na adolescência na faixa de 15 a 19 anos de idade. Em todo o Brasil, são cerca de 700 mil adolescentes (10 a 19 anos de idade) tornando-se mães a cada ano. Será que existem espaços onde estas adolescentes possam conversar e refletirem sobre estas questões e decidirem quando como e se que-

rem ser mães?

Já foi comprovado (Drumont, 2003; Pires& Modé, 2003) que não é com terrorismo ou apenas com informações isoladas que se pode mudar a realidade das/os adolescentes em relação às suas práticas, sobretudo no que diz respeito ao cuidado de si e as relações afetivas sexuais.

Para o enfrentamento destas

...o Brasil, sozinho, é responsável por cerca de 50% dos(as) adolescentes e jovens da América Latina.

questões, acredita-se ser de suma importância criar possibilidades para o empoderamento, este conceito é uma tradução não dicionarizada do termo em inglês "empowerment" e está relacionado a apoderar-se de recursos e oportunidades, bem como ao controle dos mesmos pelas/os adolescentes, para refletirem e questionarem sobre o seu lugar no mundo, pois crer em sujeitos autônomos é criar condições para a constituição desta autonomia, assim será possível pro-

Em Goiânia, segundo dados de 1997, existem cerca de 221.000 adolescentes e jovens na faixa de 15 a 24 anos, o que representa 22,1% da população da cidade.

duzir práticas novas para questões históricas.

Pensando processos educativos

Para a realização de um trabalho com adolescente no Grupo Transas do Corpo utiliza-se a metodologia feminista como base, ten-

do em perspectiva as relações de gênero e o Teatro do Oprimido como possibilidade de empoderamento em prol da promoção da saúde junto ao público adolescente. O pensamento feminista, segundo Portela e Gouveia (1999, p. 11), "é uma história de recusa das construções hierárquicas da relação entre o masculino e feminino, em seus contextos específicos, uma tentativa para reverter ou deslocar suas operações".

Esta forma de pensar esteve sempre voltada para uma análise das relações de gênero em diferentes contextos e épocas: "A preocupação teórica com o gênero como uma categoria analítica só emergiu no fim do século XX. Ela está ausente das principais abordagens da teoria social formulada desde século XVIII até o século XX" Joan Scott (1999, p. 85).

Segundo Gonçalves (1996), falar em teoria de gênero é falar da teoria e prática feminista, pelo menos no ocidente, onde esta teoria e a prática se circunscrevem. Discutir relações de gênero é problematizar os papéis sociais de ser homem e mulher que foram construídos no decorrer dos tempos, buscando colocar em questão as relações de poder, hierarquias no compromisso de alcançar justiça social. Nesta perspectiva acredita-se na importância de trabalhar de forma expressiva e participativa, para isto utilizamos o Teatro do Oprimido como instrumento metodológico. O Teatro do Oprimido é uma expressão artística que possibilita identificar realidades para que o grupo possa construir novos sentidos para ela:

O Teatro do Oprimido é frequentemente apontado como uma metodologia ou ferramenta para o desenvolvimento participativo, o qual oferece uma maneira das pessoas encontrarem suas próprias soluções, através de ação direta e da análise de rea-

ções na vida real (...) A comunicação alcança um plano horizontal (...) substituindo o desenvolvimento por inteiro, com ações de empoderamento autônomas (Galvão&McCarthy, 2001, p. 4-6).

O Teatro do Oprimido pode viabilizar a construção coletiva de um sujeito participante para articular uma visão crítica diante da realidade posta, produzindo novos discursos e promovendo saúde através do cuidado de si. Sabendo que, segundo Spink (2003), saúde não é apenas ausência de doença, mas sim, um fenômeno coletivo construído de acordo com o discurso que é construído pela sociedade de uma determinada época. Para considerar estas questões históricas no trabalho com o público adolescente/jovem é importante estar atenta/o ao cotidiano destas pessoas, o contexto em que ela/e está inserida/o para a realização de uma reflexão que possa dar elementos para o enfrentamento da realidade posta, portanto serão adotadas ações educativas que tenham idéia de processo, construção conjunta, e valorize as subjetividades.

Por isto, é trabalhado em formato de oficinas.

(...) é um espaço dinâmico, onde as coisas entram de um jeito e saem de outro. Oficina é processo. (...) são processos de trabalho onde a participação e reflexão de todos/as são requisitos fundamentais para a compreensão dos conteúdos e para a construção de conhecimento". (Gouveia & Portella, 1999, p. 25)".

Com isto acredita-se poder ser uma forma de contribuir com a construção uma das possibilidades de incorporação de novos discursos e práticas voltadas para relações igualitárias.

Um jeito de fazer

A metodologia feminista é um jeito de fazer no qual a pessoa par-

tipica do processo de construção do conhecimento, buscando-se trabalhar de uma maneira conjunta, onde as/os adolescentes escolhem os temas que querem ser debatidos, confeccionam o contrato relacionando o que é importante ser considerado quando vamos realizar um trabalho em grupo, com isto temos conseguido gerar um

...crer em sujeitos autônomos é criar condições para a constituição desta autonomia, assim será possível produzir práticas novas para questões históricas.

espaço de trocas e descobertas.

O Projeto Transas Adolescentes tem como objetivos, desenvolver com os/as adolescentes uma metodologia participativa, propiciando o empoderamento com ênfase na perspectiva de gênero, numa formação voltada para a ética, cidadania e saúde; estimular os potenciais criativos dos jovens e fortale-

...saúde não é apenas ausência de doença, mas sim, um fenômeno coletivo construído de acordo com o discurso que é construído pela sociedade de uma determinada época...

cer o vínculo entre as/os adolescentes e o Grupo Transas do Corpo, através do CEI2. As/os participantes do curso são adolescentes de dez Escolas Municipais da Região Sul que estejam no ciclo III, com a faixa etária de 13 a 24³ de ambos os sexos. Utiliza-se uma sala para realização das oficinas e um aparelho de som, CDs, papel pardo, ca-

netas, pincel atômico, tarjetas, papel A4, TV, vídeo. No primeiro momento, as/os adolescentes visitam a sede do Grupo Transas do Corpo onde é apresentado o espaço do CEI e seus serviços e como se dá o projeto, depois assistimos a um vídeo educativo relativo aos temas trabalhados no Grupo Transas do Corpo, seguido de uma discussão sobre o que foi visto. Após esse momento, quem se interessar pode fazer sua inscrição para um curso. O curso acontece em doze horas, abordando temas relativos à saúde, sexualidade, prevenção, que são escolhidos por elas/

es. O instrumento metodológico é o teatro, leitura e escrita com perspectiva de gênero. Em especial trabalhamos com o teatro fórum, pois todos que estão envolvidos no processo podem participar de alguma forma, tomando o lugar de qualquer personagem e dando a sua opinião, onde logo após faz-se reflexões sobre as várias possibilidades que são colocadas pelo grupo.

Este jeito de fazer implica em acreditar que as/os adolescentes podem ser sujeitos capazes de questionar os discursos que foram construídos sobre seus corpos. Sabe-se que há

muito a caminhar, mas, para construir uma sociedade plural e igualitária, é importante andar juntas/os considerando os diversos saberes.

Autora:

* Psicóloga, participante do Grupo Transas do Corpo transasadolescentes@transasdocorpo.com.br

Notas:

¹ Princípios feministas que somam também

a ação político-educativa que é um processo que não se inicia nem se encerram com uma atividade específica; parte da realidade dos sujeitos; objetiva mudar as relações de injustiça presentes na vida das mulheres e reduzir as desigualdades sociais; a aprendizagem deve envolver os sujeitos por inteiro e não apenas intelectualmente.

² No centro de estudos e informação existe uma biblioteca, videoteca, hemeroteca.

³ De acordo com ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) é considerada adolescente a pessoa que esteja na faixa etária de doze a dezoito anos; Contrapondo a definição de adolescência pautada por marcos etários e a interpretação de categoria social e de representações e atitudes, Galland (1993; 1997a). Por ter firmado com a SME (Secretaria Municipal da Educação) a faixa etária de 13 a 24, mas este trabalho privilegia o conceito de trajetória biográfica, individualização (Brandão, 2003).

Bibliografia:

- BECKER, D. O que é adolescência. São Paulo: Editora. Brasiliense, 1994.
- BRANDÃO, E.R.(2003). O debate contemporâneo sobre juventude. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003. (Tese de doutorado).
- CONSELHO ESTADUAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei Federal 8.069/1990. Goiânia: Editora Kelps, 1996.
- DRUMONT, P. Estudantes alertam que apenas distribuir preservativos não é o suficiente. O Popular. Goiânia: O Popular, 28/08/03. p.07.
- GONÇALVES, Eliane. (1998). Pensando o Gênero como categoria de análise. Estudos de Gênero. Goiânia: Editora UCG, 1998. (Cadernos de Área, 7), p.41-60.
- MACCARTHY, J.; GALVÃO, Karla. Um recurso para o teatro, participação e desenvolvimento. Recife: Projeto ARTPAD, 2001.
- PEREIRA, Elcimar Dias.; PINTO, Joana Plaza. Adolescência: Como se faz? - apontamentos sobre discursos, corpos e processos educativos. Fazendo Gênero. Goiânia: Grupo Transas do Corpo, anoVII, n.17, jul./out. 2003.
- PIRES, A. L.; MODÉ, G.; PIÑOL, S. S. Políticas de prevenção à AIDS não atinge todos os jovens. Revista Viração. São Paulo: Editora Alô Mundo, ano1, n.5, set. 2003. p. 22 e 23.
- PORTELA, Ana Paula; GOUVEIA, Taciana. Idéias e Dinâmicas para trabalhar com Gênero. Recife: S.O. S. Corpo Gênero e Cidadania, 1999.
- QUEIROZ, E. M. O.; CHAVES, E. G.; MARIANO, N. L. Retratos da Juventude. Goiânia: Verbo Comunicação, 2001.
- RENA, L.C.C.B. Projeto adolescente Cidadão: as oficinas como estratégias de intervenção com grupos adolescentes. (Trabalho apresentado no VI Congresso de Psicologia Escolar e Educacional em Salvador, abr.2003).
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Faculdade de Educação, v.20, n.2, jul./dez.1995.p. 71- 99.
- SPINK, M. J.P. Psicologia Social e Saúde: Práticas, Saberes e sentidos. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2003.
- VENTURA, M.; JUNIOR E., O. C. Direitos da População Jovem: Um marco para o desenvolvimento. Brasília: Fundo de População das Nações Unidas; UNFPA, 2003.